

SORAYA LANE

A Filha
CUBANA

TRADUÇÃO
CARMEN SARAIVA

 Planeta

Para Richard King
Obrigada por acreditar nesta série e por a apresentares
ao mundo.

Prólogo

Residência privada do barão do açúcar Julio Diaz, Havana, Cuba, final de 1950

Esmeralda vinha de braço dado com a sua irmã María quando entraram na sala de estar para se juntarem ao pai. A criada tinha subido apressadamente as escadas para lhes dizer que havia uma visita e que deviam descer imediatamente, mas não era um pedido invulgar. O pai gostava de exhibir as filhas; elas eram o seu orgulho e alegria. Antes, quando a mãe dela era viva, os pais teriam provavelmente recebido convidados sem que as filhas precisassem de fazer mais do que entrar e sair da sala para se exibirem, mas agora o pai preferia ter as filhas ao seu lado. Nada lhe agradava mais do que vê-las sorrir e entreter os seus parceiros de negócios e amigos, e os seus olhos ganhavam um brilho próprio sempre que elas entravam na divisão, não havendo momento em que estivesse mais satisfeito do que quando estava na sua companhia.

Mas hoje era diferente. Hoje, pela primeira vez, Esmeralda perdeu a sua compostura perfeitamente treinada, os pés ganhando vontade própria e parando, apesar de María ter continuado a andar e ter tentado puxá-la, apesar de Gisele ter entrado na sala atrás delas e lhe ter dado um encontrão no ombro ao passar, ansiosa por ver quem era o convidado inesperado.

Porque ali, sentado no opulento sofá dourado, levantando-se ligeiramente quando ela e as irmãs entraram na sala, estava Christopher.

O meu Christopher está aqui. O coração dela acelerou e a boca ficou seca. *Não pode ser. Como é que o Christopher está aqui, em Cuba?*

– Esmeralda, lembra-te do Sr. Christopher Dutton, de Londres?
– O pai sorriu-lhe, com um charuto na mão, acenando-lhe para que entrasse na sala. – E estas são as minhas filhas, María e Gisele.

Esmeralda forçou os pés a mexerem-se, não querendo que o pai percebesse o quanto estava afetada pela presença de Christopher, e ficou grata pela forma como os olhos dele foram ao encontro dos seus, apenas por instantes, mantendo uma compostura inabalável. Teria ela imaginado o que acontecera entre eles? Os olhares que ele lhe dirigiu quando ela esteve em Londres, a forma como as suas mãos se roçaram, os seus dedos mindinhos a tocarem-se ao de leve quando ela se afastou dele pela última vez?

– É tão bom voltar a vê-la, Esmeralda – disse Christopher, levantando-se e acenando com a cabeça, antes de pegar gentilmente na mão de María e depois na de Gisele. As bochechas dela ruborizaram-se enquanto o observava, enquanto María olhava para ela por cima do ombro, com as sobrancelhas arqueadas quando ele lhe deu um beijo nas costas da mão. Claro que Esmeralda tinha contado à irmã tudo sobre o belo inglês, os seus pensamentos tinham sido consumidos por ele desde que tinha regressado de Londres, mas nem num milhão de anos teria imaginado que ele viria a Cuba para a visitar. Quando chegou a vez dela, Christopher segurou-lhe a mão por um segundo a mais do que o necessário, os seus lábios demorando-se na sua pele, os seus olhos fixos nos dela.

– O que, há, o que... – recompôs-se Esmeralda rapidamente, pigarreando quando ele largou a mão dela. – O que o traz a Havana, Sr. Dutton?

– O seu pai insistiu muito para que alguém da empresa viesse ver a produção em primeira mão – disse Christopher, voltando a sentar-se quando o pai fez um gesto para que todos se sentassem, embora os olhos dele mal se afastassem dos dela. – Tenho de admitir que é muito difícil recusar-lhe algo, e não pude resistir à oportunidade de vir a Cuba, especialmente depois de todas as histórias que me contou sobre Havana. Pintou um belo quadro do seu exótico país.

Uma das criadas entrou a correr na sala e, com a atenção do pai desviada, ela deu-se ao luxo de olhar verdadeiramente para Christopher,

o nó no estômago dissipando-se quando ele sorriu, os seus olhos dizendo-lhe que estava tão aliviado por vê-la como ela estava por vê-lo a ele.

Talvez eu não tenha imaginado os seus sentimentos em relação a mim.

– Uma garrafa do nosso melhor champanhe – anunciou o pai, acendendo o charuto e soprando o fumo pungente para a sala, enquanto a empregada se apressava a satisfazer o seu pedido.

Quando Esmeralda passou por Christopher, a sua respiração ficou presa na garganta quando ela se aproximou tanto dele que o tecido do vestido deve ter tocado no seu joelho, e ele apanhou o dedo dela no seu. Foi apenas uma fração de segundo, os dedos entrelaçados num aperto tão breve que ninguém poderia ter reparado, mas disse-lhe tudo o que ela precisava de saber.

Ele não veio apenas para ver Cuba.

Ele fez esta longa viagem para me ver.

Londres, presente

Claudia tinha a música a tocar bem alto enquanto retocava o parapeito branco da janela com o pincel na mão. Tinha passado os últimos seis meses a remodelar o apartamento, dando mais vida ao interior, outrora antiquado, e só lhe restavam alguns dias de trabalho antes de estar terminado.

Afastou-se e olhou em volta para o que tinha criado, nostálgica por ter de se separar do local, apesar de nunca ter tido intenção de o manter. *Isto é um negócio*, disse a si própria. *Nada de te apaixonares pelo projeto. Isto não é a tua casa.*

Era o segundo apartamento em Chelsea que ela renovava neste último ano, e adorara cada segundo. O *design*, a pintura, o estilo – eram muito diferentes do seu trabalho anterior, mas dava-lhe um nível de satisfação que a sua primeira carreira não lhe tinha proporcionado.

A música parou então e foi substituída pelo toque do telemóvel, e ela pousou o pincel e limpou as mãos ao fato-macaco antes de o atender. Sabia que era provavelmente um dos seus pais antes mesmo de ver o ecrã; atualmente, as únicas pessoas que lhe ligavam eram a sua família ou operadores de *telemarketing*. O identificador de chamadas disse-lhe que estava correta.

- Olá, mãe.
- Olá, querida, como estás?
- Ótima. Estou a terminar de pintar, mas estou quase a terminar aqui.

– Maravilhoso, estamos ansiosos por ver quando for a nossa vez.

Claudia sabia como a transição tinha sido difícil para a mãe. Tinha ficado tão orgulhosa da sua única filha quando esta estudava gestão na universidade, e ainda mais orgulhosa quando conseguiu um emprego importante na área financeira, tal como o pai. O irmão era advogado, o que os deixava igualmente felizes, mas a mãe nunca tinha ido para a universidade ou tido uma carreira própria, e Claudia sentia muitas vezes como se a mãe estivesse a viver através dela. Ou, pelo menos, tinha sido assim, até Claudia se ter despedido do seu maravilhoso emprego e ter anunciado que ia começar a renovar imóveis para ganhar a vida.

– Ainda dá para ir e ficar por aí este fim de semana? – perguntou Claudia.

– Claro! Estamos ansiosos por te ver, mas não foi por isso que telefonei.

Claudia esperou, começando a limpar o pincel de forma distraída enquanto esperava que a mãe continuasse.

– Estava a pensar se poderias ir a uma reunião por mim, na sexta-feira.

– Esta sexta-feira? Claro. Qual é o assunto da reunião?

A mãe dela pigarreou.

– Olha, vai parecer-te estranho, mas recebemos recentemente uma carta dirigida aos herdeiros da tua avó e, embora o teu pai ache que pode ser uma burla, acho que vale a pena ir, quanto mais não seja para ver do que se trata.

– Está bem – disse Claudia, dirigindo-se à cozinha para fazer café enquanto ouvia a mãe. *Que tipo de reunião poderia ser esta que o pai não aprovaria?*

– Já te mando a carta quando desligarmos o telefone, mas seria muito importante para mim se pudesses ir. Não gostaria de desrespeitar a tua avó por não fazermos esse esforço, só por precaução.

Claudia assentiu. A mãe raramente lhe pedia para fazer alguma coisa, por isso não se importava, mas o facto de o pai pensar que podia ser uma burla, fosse o que fosse, deixou-a alarmada. O instinto dele estava normalmente certo.

– Mãe, se queres que eu vá, eu vou. Basta enviáres-me os pormenores.

– Obrigada, querida. Sabia que ias dizer que sim.

Conversaram mais alguns minutos antes de Claudia se despedir e, pouco depois de terminarem a chamada, chegou o *e-mail* prometido. Ela abriu-o e passou rapidamente os olhos pela mensagem.

A QUEM POSSA INTERESSAR, EM RELAÇÃO À HERANÇA DE CATHERINE BLACK.

SOLICITAMOS A SUA PRESENÇA NOS ESCRITÓRIOS WILLIAMSON, CLARK & DUNCAN EM PADDINGTON, LONDRES, NA SEXTA-FEIRA DIA 26 DE AGOSTO ÀS 9 HORAS, PARA RECEBER UM BEM DEIXADO EM HERANÇA. POR FAVOR, ENTRE EM CONTACTO COM OS NOSSOS ESCRITÓRIOS PARA CONFIRMAR A RECEÇÃO DESTA CARTA.

Claudia releu-o, intrigada. Não admirava que o pai pensasse que era uma fraude. Mas se a mãe queria que ela descobrisse do que se tratava, então iria. Tinha sido difícil para todos eles quando a avó faleceu, sobretudo porque a avó era a grande cozinheira da família e era sempre ela que os recebia a todos para os almoços de domingo – uma tradição que tinha abrandado e que acabara por desaparecer depois da sua morte no ano anterior. Talvez ainda fosse demasiado cedo para a mãe tratar da herança; talvez houvesse algumas coisas que ainda não tinham sido resolvidas, embora o pai dela fosse normalmente muito exigente em relação à papelada e aos assuntos pendentes.

Claudia voltou a pôr a música a tocar e andou às voltas no apartamento, sem querer pensar no quão difícil tinha sido o último ano. Tinha perdido a avó e a melhor amiga com poucos meses de diferença, e uma das razões pelas quais adorava o novo emprego era o facto de não ter ligações ao seu passado.

Olhou em redor, sorrindo enquanto admirava o seu trabalho. O interior estava fantástico; as paredes eram agora de um branco suave, a cozinha estava quase terminada e, sob as coberturas de proteção contra salpicos, o chão de madeira tinha a tonalidade perfeita. Ia ficar lindíssimo assim que estivesse tudo montado com mobília.

Podia ter trocado um fato pelo fato-macaco, usar o cabelo num carrapito despenteado em vez de perfeitamente penteado, mas, na verdade, nunca tinha sido tão feliz. Não podia ter continuado no seu antigo emprego, não depois do que tinha acontecido, e este trabalho fazia-a sentir-se bem em vez de a deixar de rastos todos os dias.

Agora só tenho de vender a casa e tentar ter lucro.

Claudia acompanhou a agente imobiliária pelo apartamento, mostrando-lhe as casas de banho privativas com azulejos novos e admirando a mobília recém-instalada, enquanto regressavam à cozinha e sala de estar em conceito aberto. O Sol brilhava e ela tinha as portas do terraço abertas – era o tipo de dia que tornava impossível não nos sentirmos bem.

– É deslumbrante, absolutamente deslumbrante – disse a agente, passando as mãos pela bancada de pedra da cozinha. – Tenho a certeza de que a vamos vender rapidamente. Quando é que a quer pôr à venda?

– Vou tomar uma decisão esta semana – disse Claudia, olhando para o sofá da zona exterior e vendo-se mais uma vez a manter o apartamento. Mas, se ficasse, teria de encontrar outro trabalho; não teria forma de comprar outro projeto se não a vendesse. Voltou a sua atenção para a agente. Talvez não devesse ter vivido na casa enquanto a renovava; assim não se teria afeiçoado tanto.

– Bem, depois diga-me o que quer fazer. Sei que vamos ter clientes interessados, mesmo antes de publicarmos o anúncio.

O telemóvel de Claudia tocou no bolso e ela tirou-o. *Reunião com o advogado.*

– Peço imensa desculpa, mas acabei de me aperceber de que estou atrasada para uma reunião – disse ela. – Entrarei em contacto muito em breve. Muito obrigada por ter vindo!

Rapidamente, mostrou a saída à agente e correu para o quarto, remexendo na roupa e tirando um *blazer*, que vestiu por cima da *T-shirt* branca. Encontrou um par de calças de ganga e uns ténis limpos e calçou-os, pegando na mala e correndo para a porta. Olhou para o relógio.

O metro de Sloane Square para Paddington passava de dez em dez minutos, o que significava que ela facilmente deveria chegar a tempo aos escritórios. Se não o fizesse, a mãe ia ficar furiosa com ela.

Claudia acabou por chegar aos escritórios envidraçados da Williamson, Clark & Duncan dez minutos adiantada e, depois de falar com a rececionista, sentou-se e recuperou o fôlego. Detestava chegar atrasada, o que significava que tinha corrido a distância da estação até ao escritório, mas não tinha sido necessário. Quando se sentou, reparou nas outras pessoas na sala de espera, que surpreendentemente eram quase todas do sexo feminino e com uma idade próxima da sua. Várias estavam a folhear revistas e outras estavam sentadas como ela, com a mala no colo e a observar a sala.

Não tinha tido tempo para pensar muito sobre a reunião, mas, agora que estava aqui, estava inclinada a concordar com a mãe; parecia sem dúvida algo legítimo. Só os escritórios eram suficientes para a convencer.

Antes que tivesse tempo de pensar mais nisso, a jovem e simpática rececionista levantou-se de trás da secretária e dirigiu-se à sala. Claudia ficou surpreendida ao ouvi-la chamar uma mão-cheia de nomes femininos, não apenas o dela.

Algumas das mulheres trocaram olhares com ela, e Claudia afastou-se para deixar que duas delas fossem à sua frente. Ouviu uma delas mencionar algo sobre uma herança e ficou com as orelhas em pé.

Hmm, nem sequer tinha pensado numa herança. Era mesmo típico da avó, certificar-se de que todos ficariam bem em termos financeiros.

A conversa à sua volta parou abruptamente quando entraram numa grande sala de conferências e foram encaminhadas para os seus lugares, com um homem bem vestido posicionado à cabeceira da mesa. À esquerda dele estava uma mulher de trinta e poucos anos, com os

olhos arregalados enquanto parecia observar toda a gente na sala. Estava impecavelmente vestida com uma blusa de seda e calças pretas de cintura alta; fez Claudia lembrar-se de si própria, quando ainda trabalhava na área financeira. Quase sentia falta do seu antigo guarda-roupa só de olhar para ela.

Claudia pegou no pedaço de papel que lhe fora entregue e sentou-se, olhando para ele enquanto o homem começava a falar. Não ficou surpreendida quando ele reconheceu a estranheza de as ter convocado a todas em grupo.

Olhou em redor da sala, curiosa para saber se alguma das outras mulheres sabia por que estava ali, ou se todas se sentiam como ela e não faziam a mínima ideia do que se tratava. Claudia recostou-se no lugar quando o advogado deu alguns passos em frente, com uma mão casualmente enfiada no bolso, enquanto sorria e falava.

– O meu nome é John Williamson, e esta é a minha cliente, Mia Jones. Foi por sua sugestão que vos convoquei aqui hoje, pois ela age de acordo com os desejos da tia, Hope Berenson. A nossa firma também representou a tia dela há muitos anos.

Claudia pegou no copo de água que tinha à sua frente e bebeu um gole, perguntando-se quem seria Hope Berenson.

– Mia, gostaria de falar agora e explicar o resto?

Mia acenou com a cabeça e levantou-se, e Claudia ajeitou-se na cadeira para ouvir, reparando como Mia parecia subitamente desconfortável, ou talvez estivesse simplesmente nervosa ao falar para um grupo.

– Como acabaram de ouvir, o nome da minha tia era Hope Berenson, e durante muitos anos ela geriu um lar privado aqui em Londres chamado Hope's House, para mães solteiras e os seus bebés. Era muito conhecida pela sua discrição, bem como pela sua bondade, apesar dos tempos que corriam. – Mia riu-se, parecendo nervosa enquanto olhava em volta da sala. – Tenho a certeza de que se perguntam por que raio estou a dizer-vos tudo isto, mas confiem em mim, em breve fará sentido.

Hope's House? Que ligação poderia ter a avó dela com uma casa para mães solteiras? Estaria ela a insinuar que a avó tinha um filho ilegítimo?

Era disso que se tratava? A mãe dela ia ficar sem palavras se fosse esse o caso!

– O que é que esta velha casa tem exatamente a ver connosco? – perguntou Claudia.

– Desculpem, devia ter começado por aí! – disse Mia, parecendo envergonhada quando se levantou da sua cadeira e atravessou a sala. – A minha tia tinha lá um grande escritório, onde mantinha registos e afins, e lembrei-me do quanto a minha própria mãe gostava do tapete daquela sala em particular. Por isso, decidi enrolar o tapete e ver se o poderia usar em qualquer lado, ao invés de ser deitado fora, mas vi algo entre duas das tábuas quando o levantei. E, sendo quem sou, bem, tinha de lá voltar com algo para as levantar e ver o que estava lá debaixo.

Claudia abanou a cabeça e recostou-se no seu lugar. *Inacreditável*. Embora ainda não conseguisse perceber a ligação à sua avó.

– Quando levantei a primeira tábua, pude ver duas pequenas caixas poeirentas, e quando levantei a segunda, havia mais, todas alinhadas e com etiquetas manuscritas correspondentes. Não podia acreditar no que tinha descoberto, mas assim que vi que havia um nome em cada caixa, soube que não era suposto ser eu a abri-las, mesmo querendo tanto ver o que estava dentro. – Ela sorriu e olhou para cima, olhando para cada uma delas antes de continuar. – Trouxe hoje comigo essas caixas, para vos mostrar. Nem acredito que a minha curiosidade vos juntou a todas.

Mia colocou cuidadosamente uma caixa atrás da outra em cima da mesa, enquanto observava, e Claudia chegou-se para a frente, ansiosa por ver. Foi então que viu o nome da avó, escrito à mão, numa etiqueta presa a uma pequena caixa. Catherine Black. *Porque é que o nome da minha avó está numa daquelas caixas? Não* conseguiu tirar os olhos da etiqueta quando o advogado recomeçou a falar, perguntando-se há quanto tempo estaria escondida.

Claudia olhou para cima. Queria desesperadamente pegar na caixa e puxar o cordel para ver o que tinha sido deixado para a sua avó, mas em vez disso ficou imóvel, ouvindo atentamente o advogado quando ele voltou a falar.

– O que não sabemos – disse o advogado, assentando as mãos sobre a mesa enquanto se levantava lentamente da sua cadeira – é se haveria outras caixas que foram sendo distribuídas ao longo dos anos. Se a Hope optou por não dar estas sete por alguma razão, ou se elas não foram reclamadas.

– E se for esse o caso, posso ter descoberto algo que era suposto ficar enterrado – terminou Mia por ele.

Uma das mulheres levantou-se, mas Claudia nem sequer ouviu o que ela dizia, mal se apercebendo quando ela saiu da sala. *A minha avó foi adotada, e eu nem sequer sabia. Será que ela sabia?* De certeza que, se a avó soubesse, teria contado à filha, que por sua vez teria contado a Claudia. Ou talvez fosse um daqueles segredos de família de que simplesmente não se falava?

Claudia assinou os documentos quando o advogado lhe pôs os seus à frente, antes de pegar avidamente na sua caixa. Era de madeira, com um cordel bem atado à volta, uma etiqueta com o nome identificando claramente o destinatário. Claudia percorreu lentamente com os olhos o nome da avó, as letras todas ligadas entre si numa caligrafia perfeita, claramente feitas pela mesma pessoa. *Hope*. A mulher chamada Hope devia ter feito isto quando a avó nasceu.

– Obrigada – disse Claudia a Mia enquanto punha a mala ao ombro, com a caixa ainda na mão. – Fez um esforço enorme para restituir todas estas caixas às suas legítimas donas.

– Não tem de quê – disse Mia, estendendo a mão e tocando no braço de Claudia, com um sorriso caloroso. – Obrigada por ter vindo reclamá-la.

Ao sair, Claudia reparou que uma das caixas continuava ali, sem ninguém para a levar. A sua curiosidade aumentou, correu para o exterior e decidiu procurar o café mais próximo. Não havia hipótese de esperar até chegar a casa para puxar o cordel e descobrir que pistas a aguardavam na caixinha.